

## **META-EMOÇÃO PARENTAL E AUTONOMIA FUNCIONAL EM ADULTOS COM INCAPACIDADE INTELETUAL**

**Leticia Moura<sup>23</sup>**

**Glória Franco<sup>24</sup>**

### **Resumo**

Existe um crescente interesse pelo desenvolvimento emocional, no qual os pais têm um papel crucial ao longo de todo o desenvolvimento. O foco desta investigação é saber qual a relação que a Meta-emoção parental pode ter na Autonomia Funcional, quando os indivíduos são portadores de uma Incapacidade Intelectual. Pretende-se identificar se a perceção da atitude dos pais em relação às emoções negativas dos filhos, os torna autónomos nas suas atividades de vida diária. Recorreu-se a uma amostra de 50 progenitores/ cuidadores de adultos com Incapacidade Intelectual. Utilizou-se alguns domínios da Escala de Comportamentos Adaptativos (ECA) e a versão portuguesa da CCNES (RPEN). Os resultados apontam que a

---

<sup>23</sup> Instituição – Universidade da Madeira e Centro de Investigação de Psicologia

<sup>24</sup> Instituição – Universidade da Madeira e Centro de Investigação de Psicologia

perceção das reações dos pais aos estados emocionais dos filhos relaciona-se com a Autonomia Funcional, principalmente nos domínios da Personalidade, Responsabilidade e Socialização.

**Palavras-chave:** Meta-emoção parental; Autonomia Funcional; Incapacidade Intelectual; Fase Adulta; Parentalidade;

## Introdução

A meta-emoção parental é uma área nova de estudo da vida emocional das famílias (Gottman, Katz, & Hooven, 1997), esta compreende o conhecimento parental das próprias emoções e das emoções dos filhos, e ainda o possível treino emocional a desenvolver juntos dos mesmos (Barreiros & Cruz, 2012; Katz, Maliken, & Stettler, 2012).

Gottman et al. (1997), identificam dentro do conceito de meta-emoção parental dois estilos que os progenitores podem adotar em relação às emoções negativas dos filhos, a filosofia de treino emocional e a filosofia de afastamento emocional. O processo de treino emocional refere-se a um conjunto de processos, que inclui certos elementos como falar com a criança sobre as emoções, ajudando a criança a dar um nome aquelas emoções que estão a sentir, aceitar as emoções dos filhos, discutir com as crianças o que está a desencadear aquelas emoções e sobre as estratégias a usar para resolver essas situações. Os pais que seguem a filosofia de treino emocional, estão cientes da baixa intensidade de emoções neles próprios e nos seus filhos, experimentando desta forma as emoções negativas como oportunidades de aproximação e aprendizagem. Deste modo, estes pais sabem validar e nomear as emoções negativas dos filhos, e ainda discutem objetivos e estratégias que podem utilizar nas situações que os faz sentir determinada emoção (Katz, Maliken, & Stettler, 2012), podendo ainda participar na resolução de problemas e definição de limites, tornando possível a discussão de objetivos e estratégias para lidar com o acontecimento que desencadeou as emoções negativas (Barreiros & Cruz, 2012). Tudo isto poderá levar a melhorias no desenvolvimento das competências emocionais da criança, ou seja, torna-se possível verificar melhorias no conhecimento emocional, na expressão emocional e na própria regulação emocional, que por sua vez está diretamente ligado a um melhor ajustamento psicológico e a um melhor relacionamento com os pares (Katz, Maliken, & Stettler, 2012). De outro modo, e contrastando com os pais que adotam a filosofia de treino emocional, os pais que adotam mais a filosofia de afastamento emocional, podem também ser sensíveis aos sentimentos dos seus descendentes, no entanto tendem a negar ou ignorar as emoções negativas dos seus filhos, querendo estar sempre no papel de mudar a emoção negativa rapidamente, visto que estes pais consideram que emoções como a zanga e a tristeza são sentimentos potencialmente nocivos, transmitindo ainda aos filhos que as emoções negativas não são importantes, e que devem desaparecer rapidamente para não se tornarem prejudiciais (Katz, Maliken, & Stettler, 2012; Gottman et al, 1996 cit. por Barreiros & Cruz, 2012).

A consciência, a aceitação e o treino emocional foram identificados como processos centrais da filosofia da meta-emoção parental. O bom funcionamento destes três componentes desta filosofia, poderá ter benefícios em três aspetos chave, a competência emocional de uma criança, um melhor ajustamento psicossocial e um melhor relacionamento com os colegas, ou seja, existiria na criança um maior controlo inibitório e conseqüentemente um menor nível de comportamentos problemáticos, melhores e mais conquistas académicas e melhor saúde física, e por fim seria ainda possível ver alguma competência social (mais adaptados socialmente) (Halberstadt, Dunsmore, & Denham, 2001).

No que diz respeito à meta-emoção quando relacionada à fase adulta do desenvolvimento não existem evidências na literatura de que estão relacionadas, havendo menção que pode mudar em idosos (Gottman, Katz & Hooven, 1997). No entanto, e apesar de não estar provada esta relação é possível fazer algumas ligações entre os termos envolvidos neste estudo (meta-emoção parental, regulação emocional, comportamento adaptativo e adaptação social).

São poucos os estudos sobre a importância de os pais regularem as emoções nos seus filhos com Incapacidade Intelectual, os poucos estudos sobre a parentalidade e Incapacidade Intelectual concentram-se na compreensão do impacto que estes têm sobre a sua família e, principalmente, sobre as preocupações que crescem à família (Hill & Rose, 2009). Nomeadamente, Jivanjee, Kruzich e Gordon (2009) referem que muitos pais de crianças com Incapacidade Intelectual têm preocupação com a disponibilidade de recursos necessários para que os seus filhos façam transições bem-sucedidas. Estes pais desejam apoiar os seus filhos em direção a uma maior independência e autonomia, com o objetivo de participação significativa em atividades preferenciais e oportunidades profissionais na idade adulta (Scorgie & Wilgosh, 2011).

O crescimento da expectativa de vida leva a que indivíduos com incapacidade vivam mais anos e acompanhem o envelhecimento dos seus pais (Jeppsson, Grassman, & Whitaker, 2013), o que impõe uma nova definição das práticas e funções de cuidado dos pais que estejam de acordo com as necessidades dos pais (Band-Winterstein & Avieli, 2017). A visão de vidas ligadas sugere que a experiência parental pode ter um efeito cumulativo na vida dos pais, chamando este tipo de paternidade frequentemente de “Perpétuo” (Kelly & Kropf, 1995) ou “eterno” (Schwartz & Hadar, 2007). Ser um progenitor perpétuo pode ter efeitos de longa duração e complexos no progenitor cuidador, no qual existem aspetos positivos e negativos, principalmente quando os filhos entram na idade adulta (Pousada et al., 2013; Schwartz &

Hadar, 2007). Existem duas hipóteses propostas em relação à resposta dos pais às necessidades de cuidar. A hipótese do “desgaste” que sugere que os pais se desgastam pelas requisições acumuladas de cuidar, à medida que seus recursos físicos e psicológicos se esgotam (Johnson & Catalano, 1983). Esta noção é apoiada por pesquisas que afirmam que a idade dos pais, as necessidades dos filhos com Incapacidade Intelectual podem entrar em conflito com sua própria necessidade crescente de assistência (Ryan, Taggart, Truesdale-Kennedy & Slevin, 2014). A segunda hipótese é que os pais desenvolvem aptidões como resultado das suas experiências e, assim, ajustam com mais sucesso às suas circunstâncias com o passar do tempo (Willingham-Storr, 2014). Pais que receberam apoio dos seus filhos experimentaram maior agrado com o cuidado e menos carga de cuidado (Perkins & Haley, 2013; Pruchno, 2003). Estes adultos com incapacidade proporcionaram de forma considerável companhia e apoio aos pais, além de ajudar nas tarefas domésticas (Mactavish, Schleien, & Tabourne, 1997).

Deste modo, podemos afirmar que os estilos parentais dos pais desempenham um papel fundamental na vida dos seus filhos adultos com incapacidade (Esbensen, Seltzer & Krauss, 2012), e na ausência de estudos, será importante compreender como, dentre os diferentes estilos parentais, os que adotam diferentes estratégias positivas de meta-emoção podem contribuir para a tão desejada autonomia dos indivíduos com Incapacidade Intelectual .

## **Método**

### **Objetivo do estudo**

Este estudo tem como objetivo perceber se um maior ou menor suporte emocional por parte dos pais a indivíduos com Incapacidade Intelectual tem um efeito positivo ou negativo na sua Autonomia Funcional, que se pode consubstanciar na seguinte hipótese: Há uma diferença entre a percepção que os pais têm de adotarem reações construtivas em relação às emoções dos seus filhos e algumas das dimensões da Autonomia Funcional de um indivíduo adulto com Incapacidade Intelectual (Atividade Económica, Atividade Pré-profissional, Atividade Doméstica, Responsabilidade, Personalidade, Desenvolvimento da Linguagem e Socialização).

### **Participantes**

Neste estudo, a população alvo foram os progenitores de indivíduos adultos portadores de Incapacidade Intelectual com idades superiores a 18 anos que vivam com os pais e que no seu dia-a-dia frequentem um Centro de Atividades Ocupacionais.

Este estudo contou com 50 participantes, 45 do sexo feminino e 5 do sexo masculino, nos quais os pais teriam idades compreendidas entre os 59 e 74 anos e as mães teriam idades compreendidas entre os 39 e os 85 anos e ainda o caso de uma avó (cuidadora) com 72 anos. Perante esta amostra será importante também referir que estas figuras parentais (pais, mães e avó) representavam os seus filhos, entre os quais 26 são do sexo masculino e 24 são do sexo feminino, e as suas idades estão compreendidas entre 20 e os 51 anos.

### **Instrumentos**

Neste estudo serão utilizados três instrumentos: Escala de Comportamentos Adaptativos (apenas 7 domínios), a versão portuguesa da Coping Children Negative Emotion Scale (CCNES) – foi utilizada na versão portuguesa Reações Parentais às Emoções Negativas (RPEN) – traduzida e adaptada à população por Diana Alves e Orlanda Cruz, em 2011; um questionário sociodemográfico, dividido em duas partes, uma referente aos filhos e outra referente aos pais; e a Escala de Comportamentos Adaptativos (ECA).

Para este estudo fez-se uma pequena adaptação da RPEN, as alterações foram a nível da formulação das questões e/ou da atividade que representava, mas nunca mudando a base da hipótese estudada, para que estivessem de acordo com a população-alvo (adultos, este instrumento terá anteriormente sido aplicado a crianças) e ao seu contexto diário. Trata-se de um instrumento de autopreenchimento por parte dos pais, ou de qualquer outro indivíduo responsável ou ligado de forma direta com o indivíduo a ser avaliado (Barreiros & Cruz, 2012), e permite perceber como é que os pais/ cuidador próximo respondem às emoções dos filhos. Conta com doze cenários com sete opções de resposta correspondentes as sete subescalas das duas principais, as Reações Negativas (reações de aborrecimento, reações de minimização, reações de ignorar e reações de punição) e as Reações Construtivas (reações centradas no problema, reações de encorajamento expressivo e reações centradas na emoção) (Alves & Cruz, 2011; Mirabile, 2015), o que reflete a forma como estas pessoas sentem, pensam e regulam as emoções (suas e dos outros) (Alves & Cruz, 2011; Lins, Alvarenga, Mendes, & Pessôa, 2017).

Da Escala de Comportamentos Adaptativos, foram utilizados os seguintes domínios – Atividade económica, Desenvolvimento da linguagem, Atividade doméstica, Atividade Pré-Profissional, Personalidade, Responsabilidade e Socialização. Santos e Morato (2004), referem que esta escala pretende identificar as áreas fortes e menos fortes de um indivíduo, o que permitirá elaborar planos de habilidades que respondam às suas necessidades específicas, podendo torná-lo num indivíduo mais ativo e em plenitude no contexto que se insere (Nóbrega, 2016).

### **Procedimentos**

Em primeiro lugar, procedeu-se ao pedido de autorização formal para a consecução do estudo à SRIAS (Secretaria Regional da Inclusão e dos Assuntos Sociais). Num momento inicial, decidiu-se sobre os quatro Centro de Atividades Ocupacionais (CAO) que seriam considerados no âmbito da investigação. Dada esta autorização, contactaram-se os CAO'S para saber a sua aceitação em participar nesta investigação (contacto realizado pela diretora da unidade de coordenação dos CAO), não tendo demonstrado nenhum desagrado/ obstáculo para sua participação procedeu-se à entrega das escalas nos respetivos locais, que se responsabilizaram pela entrega aos participantes.

Apesar de todos os instrumentos terem sido mandados para preenchimento em casa, alguns pais participantes demonstraram algumas dificuldades no seu preenchimento, perante este cenário foi disponibilizada ajuda no preenchimento dos questionários por parte da investigadora, e de alguns colaboradores dos CAO's.

### **Resultados e Discussão**

Para conseguir analisar a hipótese em estudo utilizou-se o teste associação de Kolmogorov-Smirnov, onde foi possível ver que tanto a perceção de utilização de estratégias positivas como de estratégias negativas tem uma associação com os diferentes domínios que ajudam a constituir a Autonomia Funcional e utilizadas no nosso estudo.

Da leitura da tabela 1 pode-se verificar que a nossa hipótese se confirma apenas de forma parcial, visto que a perceção de utilização de estratégias positivas demonstrou ter um efeito dito positivo nos domínios da Personalidade, Responsabilidade e Socialização. Este efeito

dito positivo traduz-se em níveis de graus de adaptação social acima da média ou elevado nestes domínios.

**Tabela 1**

*Análise do grau de adaptação social dos domínios de Personalidade, Responsabilidade e Socialização relativamente à perceção de utilização de estratégias positivas ou negativas por parte dos progenitores.*

		Estratégias Positivas	Estratégias Negativas
		Média	Média
Responsabilidade	Grau de inadaptação social	2,28	,63
	Grau de adaptação social abaixo da média	2,83	,77
	Média	3,19	,58
	Grau de adaptação social acima da média	2,87	,65
	Elevado grau de adaptação social	.	.

**Tabela 1**

*Análise do grau de adaptação social dos domínios de Personalidade, Responsabilidade e Socialização relativamente à perceção de utilização de estratégias positivas ou negativas por parte dos progenitores (continuação).*

Personalidade	Grau de inadaptação social	1,67	,75
	Grau de adaptação social abaixo da média	2,91	,71
	Média	2,97	,61
	Grau de adaptação social acima da média	3,24	,50
	Elevado grau de adaptação social	.	.
Socialização	Grau de inadaptação social	2,89	,67
	Grau de adaptação social abaixo da média	2,73	,66
	Média	3,00	,66
	Grau de adaptação social acima da média	3,02	,59
	Elevado grau de adaptação social	.	.

No que concerne aos restantes domínios, a Atividade Económica, o Desenvolvimento da Linguagem, a Atividade Doméstica e a Atividade Pré-Profissional, os nossos dados mostram um efeito inverso, ou seja, quando a perceção dos progenitores é de uma maior utilização de estratégias positivas, o efeito obtido foi um grau de adaptação social abaixo da média ou mesmo de inadaptção social (Tabela 2).

**Tabela 2**

*Análise do grau de adaptação social dos domínios de Atividade Económica, Desenvolvimento da Linguagem, Atividade Doméstica e Atividade Pré-Profissional relativamente à perceção de utilização de estratégias positivas ou negativas por parte dos progenitores.*

		Estratégias Positivas	Estratégias Negativas
		Média	Média
Atividade económica	Grau de inadaptção social	3,11	,52
	Grau de adaptação social abaixo da média	.	.
	Média	2,76	,77
	Grau de adaptação social acima da média	2,83	,59
	Elevado grau de adaptação social	2,87	,85
Atividade doméstica	Grau de inadaptção social	3,10	,47
	Grau de adaptação social abaixo da média	.	.
	Média	2,90	,68
	Grau de adaptação social acima da média	2,86	,77
	Elevado grau de adaptação social	2,67	,75

**Tabela 2**

*Análise do grau de adaptação social dos domínios de Atividade Económica, Desenvolvimento da Linguagem, Atividade Doméstica e Atividade Pré-Profissional relativamente à perceção de utilização de estratégias positivas ou negativas por parte dos progenitores (continuação).*

Desenvolvimento da linguagem	Grau de inadaptção social	2,40	,60
	Grau de adaptação social abaixo da média	3,14	,55
	Média	3,00	,58
	Grau de adaptação social acima da média	2,71	,94
	Elevado grau de adaptação social	3,00	,75
Atividade pré-profissional	Grau de inadaptção social	2,58	,73
	Grau de adaptação social abaixo da média	3,17	,55
	Média	3,00	,63
	Grau de adaptação social acima da média	3,13	,63
	Elevado grau de adaptação social	.	.

As tabelas seguintes foram construídas com o intuito de entender que tipos de tarefas cada um dos domínios que apresentavam piores desempenhos avalia, e em quais delas se evidenciavam mais ou menos dificuldades por partes dos indivíduos em estudo. Nesta análise foi feito, em primeiro lugar uma análise de frequências geral e posteriormente selecionar o número de indivíduos que obtinham o valor consoante o que se pretendia analisar e a que nível pertencia. Posteriormente, após ter a uma noção das atividades, fez-se uma seleção dos indivíduos que tinham uma média de perceção de utilização de estratégias positivas superior ou igual a 2,9 (valor médio para a utilização maioritária de estratégias positivas) e analisou-se a prestação das tarefas tendo em conta a maior utilização de estratégias positivas. Deste modo, identificou-se quantos progenitores responderam com estratégias positivas e quantos responderam com estratégias negativas aos parâmetros avaliados, salientando-se nas tabelas apenas os mais frequentes. O que resultou na verificação de maior utilização de estratégias positivas, para tentar perceber isto, analisou-se detalhadamente cada um dos aspetos destes domínios no que respeita às suas dificuldades.

**Tabela 3**

*Análise do domínio Atividade Económica e a perceção do uso de estratégias positivas e negativas.*

	Estratégias Positivas	Estratégias Negativas	Total
<b>Domínio Atividade Económica</b>			
Não utiliza dinheiro (nível 0)	19	5	24
Não preenche papeis para levantamento;	21	16	37
Não anda com a sua própria identificação;	22	12	34
Não faz estimativas com valores/ preços das coisas;	21	14	35
Não sabe fazer recados (nível 0)	17	11	28
Não faz compras (nível 0)	21	11	32

**Tabela 4**

*Análise do domínio Desenvolvimento da Linguagem e a perceção do uso de estratégias positivas e negativas.*

	Estratégias Positivas	Estratégias Negativas	Total
<b>Domínio Desenvolvimento da Linguagem</b>			
Indica desejos através de ruídos vocais ou apontando;	18	8	26
Utiliza o “verbo” quando descreve imagens; (nível 4)	12	10	22
Por vezes utiliza frases complexas, contendo “porque”, “mas”, etc.; (nível 3)	14	8	22
O discurso é apressado, acelerado ou precipitado;	8	3	11
Não consegue escrever (nível 0)	13	7	20
A sua escrita é, de uma forma geral, ilegível;	14	9	23
Compreende instruções complexas envolvendo uma decisão: “Se _____, faz isto, mas se não faz _____.” (nível 4)	11	8	19
Reconhece menos de 10 palavras; (nível 0)	19	11	30
Fala com os outros de desporto, família, atividade de grupo, etc.;	16	12	28
Responde quando abordado;	5	5	10

**Tabela 5**

*Análise do domínio Atividade Doméstica e a perceção do uso de estratégias positivas ou negativas.*

	Estratégias Positivas	Estratégias Negativas	Total
<b>Domínio Atividade Doméstica</b>			
Limpa sem que lhe seja solicitado o seu próprio espaço (ex.: cama, carteira, etc.); (nível 3)	9	6	15
Não estende, apanha ou seca a roupa;	12	8	20
Coloca todos os talheres, pratos, copos bem como guardanapos, pão, temperos, etc., nos locais corretos; (nível 3)	12	7	19
Não prepara qualquer tipo de refeição; (nível 0)	17	8	25
Levanta a mesa com pratos e copos quebráveis (nível 2)	19	15	34
Ajuda nas tarefas domésticas;	6	7	13

**Tabela 6**

*Análise do domínio Atividade Pré-Profissional e a perceção do uso de estratégias positivas ou negativas.*

	Estratégias Positivas	Estratégias Negativas	Total
<b>Domínio Atividade Pré-profissional</b>			
Realiza trabalho simples (ex.: despejar o lixo, etc.) (nível 1)	19	10	29
Não zela/ toma conta das ferramentas, equipamentos, abastecimentos, etc.;	17	7	24
Não permanece no seu lugar de trabalho/ escola (levanta-se sem permissão);	7	5	12

Depois de ter feito este levantamento, foi possível entender que grande parte das dificuldades sentidas estavam ligadas ao saber e conseguir lidar/ manusear algum artigo, como o dinheiro, lápis/ caneta e algumas máquinas, pelo que na tentativa de encontrar uma justificação para isto e para a sua associação com a perceção de maior utilização de estratégias positivas pensou-se que este se preocupam com a proteção dos filhos, visto terem a preocupação de estes não se magoarem e/ou serem enganados pelos outros, ao mesmo tempo que lhes dão autonomia, estando isto de acordo com o que diz Cuskelly (2006). Ainda dando

força a esta ideia, Grimby (2002) refere que os prestadores de ajuda estão numa posição única onde podem promover ou inibir a autonomia. Carr (2011), enaltece mais esta ideia mencionando que uma gestão dos riscos em demasia, de forma geral, coloca indivíduos com incapacidade em risco, isto porque não receberam educação sobre como perceber e reagir ao risco eles próprios podem correr (Petner-Arrey & Copeland, 2015).

Podemos identificar algumas semelhanças entre o presente estudo e o estudo de La Malfa, Lassi, Bertelli, Albertini e Dosen (2009), na medida em que ambos os estudos relacionam a parte emocional e a sua relação/ repercussão no comportamento adaptativo/ Autonomia Funcional, ainda que com instrumentos diferentes, e também visto que ambos os estudos obtiveram resultados positivos quando a emocionalidade é considerada positiva e a sua relação com o seu domínio da socialização.

### **Considerações finais**

Como anteriormente mencionado, em estudos da literatura a meta-emoção parental revelou ter influência na regulação emocional das crianças, a qual deve estabilizar na idade adulta. Por sua vez a regulação emocional demonstrou estar relacionada com o comportamento adaptativo, que irá ajudar a determinar o grau de adaptação social de um indivíduo. Deste modo podemos dizer que existe relação entre estas variáveis na fase infantil, e que esta fase será influenciadora do que irá acontecer na vida adulta.

Por fim, conseguimos perceber que, a perceção mais utilizada pelos pais com estratégias de filosofia de treino emocional (ditas positivas, como o encorajamento emocional, o foco na emoção e o foco no problema) traduz um maior grau de adaptação social nos domínios da Personalidade, Responsabilidade e Socialização, o contrário verifica-se nos restantes domínios em estudo (Atividade Económica, Desenvolvimento da Linguagem, Atividades Domésticas, Atividade Pré-Profissional).

### Referências Bibliográficas

- Alves, D., & Cruz, O. (2011). Reações parentais às emoções negativas dos filhos (RPEN): um questionário de avaliação da meta-emoção parental. In Actas do VIII congresso iberoamericano de avaliação/ evaluación psicológica e XV conferência internacional avaliação psicológica: formas e contextos. Disponível no Repositório aberto da Universidade do Porto: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/57244/2/85358.pdf>
- Band-Winterstein, T., & Avieli, H. (2017). The experience of parenting a child with disability in old age. *Journal of Nursing Scholarship*, 49(4), 421-428.
- Barreiros, J., & Cruz, O. (2012). Meta-emoção: uma dimensão emocional da parentalidade e da grande parentalidade. *Revista Amazônica*, VIII (1). 338-369. Disponível no Repositório aberto da Universidade do Porto: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/66296/2/87240.pdf>
- Carr, D. (2011). Constructing disability in online worlds; conceptualising disability in online research. In *Reinventing Ourselves: Contemporary Concepts of Identity in Virtual Worlds* (pp. 177-190). Springer, London.
- Cuskelly, M. (2006). Parents of adults with an intellectual disability. *Family Matters*, 74, 20-25. Disponível em: <https://search.informit.com.au/fullText;dn=284655309124687;res=IELHSS>
- Esbensen, A. J., Seltzer, M. M., & Krauss, M. W. (2012). Life course perspectives in intellectual disability research: The case of family caregiving. In J. A. Burack, R. M. Hodapp, G. Iarocci, & E. Zigler (Eds.), *The Oxford handbook of intellectual disability and development* (pp. 380-391).
- Gottman, J. M., Katz, L. F. & Hooven, C. (1997). *Meta-emotion: How families communicate emotionally*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Grimby, G. (2002). 'On autonomy and participation in rehabilitation'. *Disability and Rehabilitation*, 24(18), 975-976.
- Halberstadt, A. G., Dunsmore, J. C., & Denham, S. A. (2001). Spinning the pinwheel, together: More thoughts on affective social competence. *Social Development*, 10(1), 130-136.
- Hill, C., & Rose, J. (2009). Parenting stress in mothers of adults with an intellectual disability: Parental cognitions in relation to child characteristics and family support. *Journal of Intellectual Disability Research*, 53(12), 969-980.
- Jeppsson Grassman, E., & Whitaker, A. (Eds.). (2013). *Ageing with disability: A lifecourse perspective*. Bristol, UK: Policy Press.
- Jivanjee, P., Kruzich, J. M., & Gordon, L., J. (2009). The age of uncertainty: Parent perspectives on the transitions of young people with mental health difficulties to adulthood. *Journal of Child and Family Studies*, 18(4), 435-446.
- Johnson, C. L., & Catalano, D. J. (1983). A longitudinal Study of family supports to impaired elderly. *Gerontologist*, 23, 612-618. <https://doi.org/10.1093/geront/23.6.612>
- Katz, L. F., Maliken, A. C., & Stettler, N. M. (2012). Parental Meta-Emotion Philosophy: A Review of Research and Theoretical Framework. *Child Development Perspectives*, 6(4), 417-422. <https://doi.org/10.1111/j.1750-8606.2012.00244.x>

- Kelly, T. B., & Kropf, N. P. (1995). Stigmatized and perpetual parents: Older parents caring for adult children with life-long disabilities. *Journal of Gerontological Social Work, 24*(1–2), 3–16. [https://doi.org/10.1300/J083V24N01\\_02](https://doi.org/10.1300/J083V24N01_02)
- La Malfa, G., Lassi, S., Bertelli, M., Albertini, G., & Dosen, A. (2009). Emotional development and adaptive abilities in adults with intellectual disability. A correlation study between the Scheme of Appraisal of Emotional Development (SAED) and Vineland Adaptive Behavior Scale (VABS). *Research in developmental disabilities, 30*(6), 1406-1412. Doi: 10.1016/j.ridd.2009.06.008
- Lins, T., Alvarenga, P., Mendes, D. M. L. F., & Pessôa, L. F. (2017). Adaptação brasileira da Coping with Children's Negative Emotions Scale (CCNES). *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment, 16*(2), 196-204.
- Mactavish, J., Schleien, S., & Tabourne, C. (1997). Patterns of family recreation in families that include children with a developmental disability. *Journal of Leisure Research, 29*, 21–46.
- Mirabile, S. P. (2015). Ignoring children's emotions: a novel ignoring subscale for the Coping with Children's Negative Emotions Scale. *European Journal of Developmental Psychology, 12*(4), 459-471. doi: 10.1080/17405629.2015.1037735
- Nóbrega, F. O. F. D. (2016). Intervenção psicomotora em saúde mental: Casa de Saúde de São João de Deus, Funchal (Doctoral dissertation). Disponível no Repositório da Universidade de Lisboa: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/11902/1/tese%20definitiva%20Francisco%20N%c3%b3brega%20n%c2%ba2013486.pdf>
- Perkins, E. A., & Haley, W. E. (2013). Emotional and tangible reciprocity in middle-and older-aged carers of adults with intellectual disabilities. *Journal of Policy and Practice in Intellectual Disabilities, 10*, 334–344. <https://doi.org/10.1111/jppi.12061>
- Petner-Arrey, J., & Copeland, S. R. (2015). 'You have to care.' perceptions of promoting autonomy in support settings for adults with intellectual disability. *British Journal of Learning Disabilities, 43*(1), 38-48. Doi: 10.1111/bld.12084
- Pruchno, R. A. (2003). Enmeshed lives: Adult children with developmental disabilities and their aging mothers. *Psychology and Aging, 18*, 851–857. <https://doi.org/10.1037/0882-7974.18.4.851>
- Ryan, A., Taggart, L., Truesdale-Kennedy, M., & Slevin, E. (2014). Issues in caregiving for older people with intellectual disabilities and their ageing family carers: A review and commentary. *International Journal of Older People Nursing, 9*, 217–226. <https://doi.org/10.1111/opn.12021>
- Schwartz, C., & Hadar, L. (2007). Parents caring for adult children with physical disabilities: The impact of hope and closeness on caregiving benefits. *Families in Society: The Journal of Contemporary Social Services, 88*, 273–281. <https://doi.org/10.1606/1044-3894.3625>
- Scorgie, K., & Wilgosh, L. (2011). Parents' experiences, reflections, and hopes as their children with disabilities transition to adulthood. *Interdisciplinary Journal of Family Studies, 16*(2).
- Willingham-Storr, G. L. (2014). Parental experiences of caring for a child with intellectual disabilities: A UK perspective. *Journal of Intellectual Disabilities, 18*, 146–158. <https://doi.org/10.1177/1744629514525132>

### **Abstrat**

There is a growing interest in emotional development, in which parents play a crucial role throughout their development. The focus of this investigation is to know what the relationship that parental Meta-emotion can have in Functional Autonomy, when individuals are carriers of an Intellectual Disability. It is intended to identify whether the perception of the parents' attitude towards the children's negative emotions, makes them autonomous in their activities of daily living. A sample of 50 parents / caregivers of adults with Intellectual Disability was used. Some domains of the Adaptive Behavior Scale (ECA) and the Portuguese version of CCNES (RPEN) were used. The results show that the perception of parents' reactions to their children's emotional states is related to Functional Autonomy, mainly in the domains of Personality, Responsibility and Socialization.

**Keywords:** Parental meta-emotion; Functional Autonomy; Intellectual disability; Adulthood; Parenting;